

20 anos Associação Cultural de Cascais

Dos Patrimónios de Cascais

Homenagem a João Cabral

Actas das comemorações dos 20 anos
da Associação Cultural de Cascais



CASCAIS
2019

20 Anos
da Associação Cultural de Cascais

DOS PATRIMÓNIOS DE CASCAIS

Homenagem a João Cabral

Actas das comemorações dos 20 anos
da Associação Cultural de Cascais

CASCAIS

2019

FICHA TÉCNICA

Título: Dos Patrimónios de Cascais

Coordenação: José d'Encarnação

Editor: Associação Cultural de Cascais

Autores: Bela Garcia | Eurico de Sepúlveda | Guilherme Cardoso | João Luís Cardoso | João Monjardino | Joaquim Boiça | José d'Encarnação | Lara Pinto | Lurdes Trindade Nieuwendam | Margarida Ramalho | Maria Amélia Cabrita | Nathalie Antunes-Ferreira | Salvato Teles de Menezes | Severino Rodrigues | Teresa Marat-Mendes | Vera Cardoso | Virgolino Ferreira Jorge

Design gráfico: João Miguel Freitas

Impressão: Graficamares, Lda

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 457871/19

ISBN: 978-972-9406-52-2

Cascais, 2019

ÍNDICE

Apresentação	7
Guilherme Cardoso e José d'Encarnação	
Evocação da vida e obra de João Cabral	13
José d'Encarnação	
Cerimónia de entrega da Medalha de Mérito de Serviços Distintos	15
Património vegetal de Cascais	17
João Monjardino	
Iniciativas editoriais	25
José d'Encarnação	
Maria Micaela Soares, <i>Saloios de Cascais: Etnografia e Linguagem</i>	35
Virgolino Ferreira Jorge	
Maravilhoso Cascais	39
Vera Cardoso	
Enterramentos tardo-romanos de crianças em Freiria	43
Nathalie Antunes-Ferreira, Guilherme Cardoso e José d'Encarnação	
Para a história das investigações pré-históricas em Cascais:	
um breve ensaio, lembrando João Cabral	51
João Luís Cardoso	
Investigação sobre Proto-história de Cascais	87
Guilherme Cardoso, José d'Encarnação e Lurdes Trindade Nieuwendam	
Investigação sobre o período romano em Cascais	91
José d'Encarnação e Guilherme Cardoso	
Cerâmica Focense Tardia (LRCW) no Concelho de Cascais	101
Eurico de Sepúlveda	
Acompanhamentos arqueológicos de Cascais	129
Lara Pinto	
Caparide, um sítio medieval por excelência	133
Severino Rodrigues	
Trabalhos arqueológicos realizados pela ACC	155
A Fortaleza de N^a S^a da Luz – 500 anos de História e de histórias	161
Margarida Ramalho	
Cascais visto do interior:	
A identidade cultural saloia e os novos usos para o território	165
Maria Amélia Cabrita e Teresa Marat-Mendes	
Os Faróis da Guia – 5 Séculos de aventura a iluminar o mar.	
O farol pombalino do arquitecto Eugénio dos Santos	181
Joaquim M. F. Boiça	
«Dos Segredos de Cascais»	203
Salvato Teles de Menezes	
Para uma Arqueologia em imagens	209
Guilherme Cardoso e José d'Encarnação	

INICIATIVAS EDITORIAIS

José d'Encarnação

1. Antecedentes

Tudo começou quando Ernesto Guerra da Cal, Professor Emérito de Literatura Comparada da Universidade da Cidade de Nova Iorque, houve por bem escrever ao *Jornal da Costa do Sol*, a 5 de Outubro de 1988, a congratular-se com a publicação, a 18 de Agosto e 8 e 22 de Setembro desse ano, de «algumas composições da autoria de Isolina Alves, poeta popular (*poetisa*, neste caso, seria termo inadequado)».

Transcrevemos a totalidade da sua carta na 2ª edição do livro *Semei Rosas ao Vento*, que reuniu um primeiro lote dos muitos poemas que Isolina, ao longo dos anos e ao sabor das circunstâncias, ia passando para cadernos e folhas soltas. Uma carta que, em termos altamente elogiosos e significativos, enquadrava Isolina Alves Santos na tradição dos trovadores medievais:

«Isolina é uma das últimas representantes desses “poetas naturais”, que outrora supriram as necessidades líricas de todas as populações rurais; que deles também dependiam funcionalmente, para as letras de cantigas e bailados, baptizados, casamentos, aniversários e festas patronais».

E acrescentava:

«Isolina compõe poesia desde sempre, por um imperativo iniludível de expressão interior».

Coubera-me a iniciativa de dar à estampa no jornal uma selecção desses versos e a carta do insigne Mestre calou-me fundo, como não podia deixar de ser. Vivendo Isolina em Bicesse, desafiei José Manuel Fernandes, presidente da Junta de Freguesia de Alcabideche, a preencher com poemas escolhidos o nº 2 do boletim da Junta, *Al-Qabdaq*. O repto foi aceite e assim nasceu o citado *Semei Rosas ao Vento*, integrado nesse nº 2, datado de 1991, apresentado a 22 de Junho de 1992, no Hotel Sintra-Estoril. Rapidamente se esgotou. Fizera questão, numa ida a Londres, cerca de um mês antes, em entregar em mão ao Professor Guerra da Cal, a 24 de Maio de 1992, o volume que ia publicar-se. Saudou-nos efusivamente e esse incentivo foi determinante para o percurso que, de imediato, a Associação Cultural de Cascais deliberou fazer.

Valia-me a experiência adquirida, no ano lectivo de 1963-1964, em que fui docente na Escola Profissional de Santo António, em Izeda: as artes gráficas, a que D. Bosco, fundador da Obra Salesiana, dera grande incremento, eram aí leccionadas aos jovens dessa escola dependente dos Serviços Tutelares de Menores, como forma de os habilitar com uma profissão, logo que terminasse o período de reclusão forçada. O contacto com os mestres tipógrafos foi, por conseguinte, nesse ano, para mim uma constante.

Adquirira também outra prática no *Jornal da Costa do Sol*, em cujo corpo redactorial havia ingressado em Outubro de 1967. Estava-se no tempo em que o redactor revia os textos antes de irem para a composição, revia-os depois antes de os paginar, paginação que também lhe competia fazer, manualmente. ... Houve, de seguida, a experiência editorial colhida no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, a partir de 1976, onde, desde cedo, fui encarregado de superintender no relacionamento com a Gráfica de Coimbra, «escola» a que habitualmente se recorria para todos os trabalhos gráficos que importava fazer.

Estavam, pois, reunidas as condições para nos abalançarmos na promoção e divulgação do património cultural imaterial que a poesia procura representar, mesmo antes de se lhe dar esse estatuto maior, hoje reconhecido sem tergiversação. Havia os conhecimentos, havia vontade política por parte das juntas de freguesia, havia... os poetas!

2. Isolina Alves Santos

Isolina tinha as gavetas cheias de versos, porque, na verdade, ao longo da vida, fora semeando ‘rosas ao vento’ nas mais variadas circunstâncias da sua existência.

Coube-me a honra de os procurar seleccionar e dar-lhe, de quando em vez, um ‘toquezinho’ não apenas ortográfico mas de maior sonoridade, porque, como escreveu o Professor Guerra da Cal, era Isolina «pastora virgem de letras» e nem a Instrução Primária concluía.

Seguiu-se *Percorri a Minha Terra* (1993), uma espécie de périplo pelo País, que terminaria em Timor, com um poema referente ao massacre de Santa Cruz, que mereceu a Isolina esta quadra final, digna de antologia:

*Estão tão longe de nós
Ou estão perto outra vez
Porque a sua triste voz
Ainda reza em português*

numa referência ao facto de, na reportagem televisiva, se ouvirem, em fundo, as orações dos que na igreja se haviam refugiado. O volume viria a ser apresentado em Pedrógão Grande, a 24-7-1994, por ocasião da inauguração da Biblioteca Municipal, na presença do Secretário de Estado da Cultura, José Manuel Frexes.

Reuniram-se em *Mão Cheia de Tempo* (apresentado a 10-12-1994) os textos que proclamavam o apelo à serenidade, ao intenso viver quotidiano, através de um percurso diferente, o do calendário, das festividades, das estações do ano.

Finalmente, eram tantos os textos que cantavam o território de Alcabideche, em que a poeta passara a maior parte da sua existência que se não hesitou, mais uma vez em colaboração com a respectiva Junta

de Freguesia, em publicar *Alcabideche no Sabor dos Versos Meus* (2003).

Escusado será dizer que muito ficou por publicar e que Isolina teve o cuidado de escrever um poema, para ser dito no dia do seu funeral, a 30 de Julho de 2014. E foi. Um apelo a que não chorassem por ela e a que cada um procurasse aproveitar os dias que lhe era dado viver.

Antes de passarmos à colaboração com outra Junta, importa acrescentar que estive a cargo da Associação Cultural de Cascais a edição do nº 3 (1993) de *Al-Qabdaq*, a que demos o título de *Ibn Muqāna de Alcabideche*, inteiramente preenchido, como tal indica, com o exaustivo estudo levado a efeito pela Professora Catedrática da Universidade de Alicante, María Jesús Rubiera Mata, sobre a obra completa de Ibne Mucana, o poeta árabe de Alcabideche, que viveu no século XI e de que se conhece, de modo especial, o poema em que, pela primeira vez, se faz alusão à exigência de moinhos de vento em território europeu. Foi de Pepita Tristão a tradução do castelhano para português.

3. Celestino Costa

Cumpriu-se o sonho de Isolina, que era ter livros publicados. Outro poeta, porém, tinha idêntica vontade. Celestino Costa, como se publicaria mais tarde, dizia: «Eu gosto tanto da vida / E logo me calhou em sorte / Passar parte dessa vida / no território da morte». Era canteiro no cemitério da Guia.

Conhecera meu pai nas pedreiras e, num dia de funeral, abeirou-se timidamente de mim, com um papel escrito na mão, como quem diz: «Veja lá se isto tem algum préstimo». Já não recordo se foram esses os termos usados. Sei que gostei logo muito do que li. E cedo se aprazou uma conversa em Rádio Clube de Cascais, onde, ao tempo, eu tinha, aos domingos, das 11 ao meio-dia, o programa «A falar e que a gente se entende». Levei lá Isolina e o Celestino. No final, ambos me manifestaram o desejo de ver os seus versos em letra de forma.

Da Isolina já se falou, da sua ingenuidade intrínseca, do seu versejar genuíno. Celestino era, todavia, mais ‘cerebral’, as palavras mais pensadas, os ritmos mais ajustados e, sobretudo, os temas a evocar a freguesia de S. Domingos de Rana nos anos 40 e 50. Tudo em verso bem burilado e pleno de significado. Eu chamei-lhe «lavrador de pedras e de versos». Daí até se fazer a publicação, com o apoio da respectiva Junta de Freguesia foi um passo. *A Minha Terra e Eu* teve duas edições: em 1992 e em 1995.

É toda uma história deste aparentemente remoto interior, o dia-a-dia das suas gentes vivido nas ocupações costumeiras, que se guindavam, desta forma, a temas poéticos, envoltos por outro olhar. Não admira que, anos mais tarde, a antropóloga Micaela Soares sobre eles se tenham debruçado para colher instantâneos dos costumes dos saloios de Cascais!...

Para a apresentação de *A Minha Terra e Eu*, a 6 de Julho de 1992, na Escola Fixa de Trânsito da Abóboda, aceitou Alice Vieira o meu convite, tendo, na circunstância, frisado a importância destes poetas ditos «populares» cuja sabedoria, em sua opinião, nunca seria de mais enaltecer. E houve duas passagens do livro que lhe mereceram a atenção, passagens que se arriscam, disse, a entrar no saber

do Povo, tal como as quadras de Afonso Lopes Vieira, de que, a determinado momento, se perde a noção da autoria e ao Povo se atribui a sua invenção. São, na verdade, dois momentos de mui elevada inspiração:

*O Aleixo foi autor
De quadras de grande valor
E andou a vender a sorte...
Prós poetas, Pátria querida,
És madrasta toda a vida.
Só és mãe depois da morte!*

Esse, um; o outro prende-se com a História de Portugal e é, na sua aparente simplicidade, uma funda reflexão a pretexto de D. Afonso Henriques e do seu aio, Egas Moniz:

*Dois vultos da nossa História
Que ficaram na memória
Espelham este País
Ao rei vamos imitando
Os Afonsos vão sobrando
E faltam Egas Moniz.*

Na sequência dessa sua panorâmica sobre as terras saloias viria a surgir *Filosofia Saloia*, publicado em 1998.

E, como nos dois livros anteriores havia paisagens mas sobretudo pessoas, Celestino Costa achou por bem explicar quem eram as famílias de Abóboda, Tires e terras circunvizinhas às quais já fizera referência. Daí nasceu o livrinho de cordel – esse, o de fazer reviver os livrinhos de cordel, um projecto da Apenas Livros que Fernanda Frazão mui sabiamente levou a cabo, num jeito despretenso mas da maior acutilância – intitulado *Nomes ou Alcinhas das Pessoas dos Meus livros* (Março de 2013), em que se entremeia a curiosidade picaresca de muitas histórias.

Um ano depois (Março de 2014), *Dos Outros para Mim*, também edição em conjunto com a Apenas; e, em Março seguinte, *Contos Recontados*. São deveras significativos estes dois últimos livros, pelas suas características singulares. Constitui o primeiro uma selecção de sentenças, que Celestino Costa foi coligindo ao longo da vida e que, de certo modo, fez próprios, como norma de vida; retratam, por consequência, a sua personalidade, a de alguém que, afeito a muita meditação – que a isso o impelia o seu diário ‘convívio’ com os mortos... – considerou ser importante partilhar com os outros aquilo que,

em frases lapidares, gente célebre quisera transmitir. Já em *Contos Recontados* Celestino Costa revela uma outra faceta: tiveram os grandes homens momentos ímpares, divertidos, perspicazes... dignos de relembrar-se! Relembrou-os.

3. Natael Rianço

Se Celestino Costa reconhece em si o saloio autêntico, Natael Marques Rianço é bem diferente. Natural de Colos, freguesia do concelho de Odemira, onde nasceu em Março de 1940, Natael viera para S. Domingos de Rana, com os pais, em Outubro de 1947. Foi a publicação de *A Minha Terra e Eu* que o fez apresentar à Associação Cultural de Cascais a proposta de publicar os versos que, à boa maneira alentejana, fora guardando. E, na verdade, o que acabámos por lhe publicar retrata bem a alma alentejana e, até, meridional, que amiúde ecoou nos programas do saudoso Rafael Correia no seu programa dos sábados de manhã na Antena Um, *Lugar ao Sul*.

Começou Natael por *Escrevo ao Sabor da Pena*, onde se documenta aquele sabor popular, de ocasião, de que Guerra da Cal escreveu a propósito de Isolina. Vejam-se os títulos: «A bicicleta do meu irmão», «Chinelas de trança», «Alcunhas da Abóboda», «O velho chafariz», «Quando vim para cá morar»... Um eco, aqui e além, do que Celestino escrevera, mas uma ingenuidade grande.

E se, em relação a Celestino Costa, eu pedira a Alice Vieira que nos falasse, em relação a *Escrevo ao Sabor da Pena* quis solicitar a intervenção de Ana Paula Guimarães, que integrava, no seio da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o que viria a ser, em 2003, o Instituto de Literatura Tradicional, refundado, em 2015, com a designação de Instituto de Estudos de Literatura e Tradição – Patrimónios, Artes e Culturas, vocacionado «para a recolha, fixação e estudo da literatura de tradição oral».

Ana Paula imaginou para esse dia 24 de Fevereiro de 1997, na colectividade da Abóboda, um «Diálogo de dois professores (composto por um só) acerca do livro de Natael Rianço, *Escrevo ao Sabor da Pena* (escrito pelo próprio e editado por José d'Encarnação», que publicámos no livro seguinte do autor, *Escrevo o que Penso* (1998, p. 3-14) e que a autora incluiria em *Nós de Vozes* (Edições Colibri, Lisboa, 2000, p. 133-141). Um hino ao valor cultural da poesia popular, uma homenagem – que mui sinceramente agradecemos – ao trabalho que neste âmbito estávamos a desenvolver.

Foram póstumos os dois outros livros de Natael Rianço (faleceu a 1 de Janeiro de 2001), também eles bem ao jeito popular alentejano: *A Minha História de Portugal* e *Meu Baixo Alentejo*, ambos desse ano de 2001. É o primeiro um passeio poético pelas personagens – sobretudo os reis – que fizeram Portugal, desde os primeiros povos aos capitães de Abril; constitui o segundo um passeio poético pelas terras do Baixo Alentejo em que se cristalizam as suas belezas maiores.

4. Jogos Florais

Devido, de modo especial, à experiência que João Baptista Coelho tinha em relação a Jogos Florais – ele que é, mui provavelmente, o poeta português mais premiado nesse tipo de competições – aceitou a Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana a ideia de, anualmente, se organizarem Jogos Florais. A Associação Cultural de Cascais deu o seu contributo, tanto participando no júri como dando à estampa os textos premiados.

E podemos, na verdade, orgulhar-nos de ter concebido uma bonita colecção – onde não serão de menos valia as capas minimalistas da autoria de Severino Rodrigues, um dos sócios fundadores da Associação – cujos títulos retratam os temas obrigatórios em cada edição dos Jogos.

Valerá a pena citar os volumes publicados, pois eles revelam quão significativa foi a colaboração entre uma Junta de Freguesia e uma associação cultural local, tendo por detrás, importa dizê-lo, o contributo de Aníbal de Oliveira, proprietário de ESSE – Artes Gráficas, que nos ia facultando orçamentos acessíveis, atendendo ao fim a que as obras se destinavam.

Com efeito, a Junta de Freguesia S. Domingos de Rana ganhou jus a um lugar cimeiro no panorama das juntas do território nacional, porque ainda não se pensara em iniciativa desse teor a nível de um órgão autárquico tradicionalmente ligado apenas a questões tão comezinhas do cotio dos seus fregueses como atestados de residência ou declarações de pobreza... Pelo seu âmbito nacional e por não se terem regateado as verbas consideradas necessárias para todos aqueles pormenores que dão prestígio a um empreendimento assim, designadamente a publicação, em tempo oportuno, dos textos premiados, os Jogos Florais aqui promovidos elevaram bem alto o nome de S. Domingos de Rana.

Ufana-se a Junta de contar, por isso, no seu palmarés as seguintes publicações: *Liberdade, Pão de Abril*, colectânea dos textos premiados nos I Jogos Florais (1997); *Maió em Flor Luta Canção* (II Jogos Florais, 1998); *Armas em Cravos Floriram* (III, 1999); *O Homem e a Vida* (IV, 2000); *Novo Tempo Nova Era* (V, 2001); *Família* (VI, 2002); *Cidadania* (VII, 2003); *O Aroma das Palavras* (VIII, 2004); *O Sonho também se Agarra* (IX, 2005); *Na Juventude... o Futuro* (X, 2006).

No ano de 2007, ensaiou-se uma nova modalidade, que se verificou depois não ter sido a melhor opção: em vez de se premiarem as modalidades de quadra, poesia lírica, conto e ensaio, pensou-se na possibilidade de se premiar um livro, eventualmente de poemas, sem tema obrigatório. Premiado e publicado foi, nesse contexto, o livro *Urbanos*, de Luís de Aguiar.

A publicação dos textos premiados nos XI Jogos (2008) – que, por circunstâncias várias, ficara adiada *sine die* – conheceu, neste ano de 2018, a sua publicação em versão digital, numa iniciativa também da Associação Cultural de Cascais, sob o título *Este Mar que nos Abraça*.

5. S. Domingos de Rana ainda

Registe-se, ainda, a publicação, em 2004, de *25 Sonetos com o mar ao fundo (Uma ode a Cascais)*, de João Baptista Coelho, uma viagem ao longo da orla marítima, de Cascais ao Guincho, guiados pela exímia cadência com que o Autor tão bem sabe manusear o soneto: «Irmão, dá-me o teu braço, anda comigo! / Iremos, lado a lado, na viagem, / atrás dum outro pão, dum outro trigo, / envoltos neste assombro da paisagem!».

Cascais foi, como se sabe, pólo de grande atracção de alentejanos e algarvios em meados do século passado. É notável a comunidade alentejana em S. Domingos de Rana. Do grupo de cantares Estrelas do Guadiana fazia parte Manuel Afonso Gaspar, «O Carola» de alcunha, natural de Santo Aleixo da Restauração (concelho de Moura), que – tal como Natael – trazia na alma as glosas alentejanas e as certas frechadas com que, em verso, alentejano que se preze sabe lidar. Em *O Alentejano*, nos legou boa parte do seu original repertório. O livro foi apresentado pelo poeta Carlos Carranca, a 14 de Julho de 2000, no salão nobre da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana, abrilhantado por uma actuação do seu grupo de cantares.

Dever-se-á falar de um outro canteiro: José Luís Tomé Sabido. Começou por escrever *Tires Terra de Canteiros* (2003), um documento de grande valia histórico-cultural; e apresentar-se-á, na Biblioteca de S. Domingos de Rana, a 3 de Dezembro de 2005, *Tires quando eu era pequenino*, uma invulgar evocação, pela sua pena, da paisagem e das gentes de Tires. José Luís Sabido integrará – com Celestino Costa, Natael Rianço, Manuel Afonso Gaspar e João Baptista Coelho – a antologia *Cinzelar as Palavras como as Pedras... em S. Domingos de Rana* (2009) e será de sua lavra o romance *Os Cavalos do Senhor Morgado*, passado, na década de 60, em terras alentejanas, com «personagens que, de um modo ou de outro, representavam o tecido do País», «ao mesmo tempo que se enleiam aqui todos os estratos sociais ligados às entranhas do regime». Publicámos a 1ª parte em 2005 (foi apresentada a 25 de Junho na Sociedade 1º de Maio, de Tires) e data a 2ª de 2008. Confesso que gostaria ter conseguido que este livro tivesse sido mais divulgado, pela trama que nele se desenrola, em jeito de telenovela, de que poderia vir a ser, aliás, um bom argumento.

6. Estoril, Carcavelos e um outro canteiro

Com duas outras autarquias teve a Associação oportunidade de colaborar: a do Estoril e a de Carcavelos.

A do Estoril, entusiasmada com o êxito obtido em S. Domingos de Rana, organizou também Jogos Florais, em colaboração com a Associação, cujos trabalhos premiados se publicaram: *Estoril – II Jogos Florais* (1999), *Estoril – III Jogos Florais* (2000), *Estoril – Fortalezas e Mar* (IV Jogos Florais - 2003), *Estoril Um Doce Exílio* (V Jogos Florais - 2004). E foi igualmente numa edição patrocinada pela junta estorilense que viriam a editar-se dois livros de poemas da Maria Amélia Brandão de Azevedo, também

ela assídua concorrente de Jogos Florais: *Costa do Estoril Tempo de Poesia* (1993) e *Costa do Estoril Paraíso das Musas* (2005).

Com a de Carcavelos, editou-se, em 2003, *Do Sonho à Realidade*, de Gabriel Raminhos, um poeta com vários livros já publicados; em 2004, *Escoteiros de Carcavelos – 75 Anos de História*; e, em 2007, a estreia de Carlos Peres Feio, *podiamsermais*, um autor que ganhou, mormente a partir de então, o gosto pela poesia e é, hoje, presença assídua em tertúlias poéticas, algumas das quais ele próprio dinamiza.

Com o apoio da Associação de Idosos de Santa Iria, de Murches, entidade a que estava ligado e onde o seu estro poético mais se fazia sentir em festas e em joviais convívios, deu-se à estampa, em 2008, de David Inácio, *Chamaste-me Rouxinol*, uma *colectânea* seleccionada dessas apreciadas intervenções.

David Inácio também foi canteiro; não saloio, porém; veio de S. Brás de Alportel, mais propriamente do sítio do Corotelo, terra de grande tradição no trabalho da pedra e donde, nas décadas de 40 e 50, muitos vieram para trabalhar o azulino cascalense. Corre-lhe nas veias um sangue que muito poderá ter do Aleixo, que por essas bandas largamente estanciou.

7. Um Olhar sobre Cascais através do Seu Património

Em estreita colaboração com a Câmara Municipal de Cascais, organizou-se, no último trimestre de 1989, a exposição *Um Olhar sobre Cascais através do Seu Património*.

Foi distribuída por quatro núcleos dispersos:

- A «Introdução ao Património» mostrou-se na Casa-Museu Verdades de Faria;
- «Cascais na época dos Descobrimentos» ficou na Fortaleza de N^a Sr^a da Luz, que pela primeira vez foi então aberta ao público, na sequência de intervenções arqueológicas em que também participaram elementos da Associação Cultural de Cascais;
- A secção referente às fontes documentais para a história de Cascais e o núcleo de Arte Sacra esteve patente na Sala do Despacho e na sacristia da igreja da Misericórdia (acedeu-se assim, pela primeira vez, a parte significativa do acervo patrimonial desta secular instituição);
- A Sociedade de Instrução e Recreio de Janes e Malveira («Museu de Ioanes») albergou, com toda a propriedade, «O Mundo Rural».

Do projecto constava a edição do respectivo catálogo, por ambas as instituições. A Câmara ainda financiou o I volume; escusou-se, todavia, a cobrir as despesas com o II (Fontes Documentais e Arte Sacra) e com o III (Cascais no Tempo dos Descobrimentos), despesas que a Associação Cultural de Cascais viria a assumir, embora mantendo a Câmara em co-edição, angariando, para o efeito, outros apoios, como o do Banco Espírito Santo, da própria Misericórdia, do Lions Clube da Costa do Estoril, do

Instituto de Sintra e da Junta de Turismo da Costa do Estoril, entidades que facilmente compreenderam o alcance da iniciativa.

Na verdade, esses volumes compendiam uma actualizada panorâmica do património cascalense, através do saber dos especialistas nas várias áreas, que prontamente acederam a connosco colaborar.

8. Publicações avulsas

Em 1987 e 1988, tomou-se a iniciativa de editar desdobráveis sobre os quatro sítios arqueológicos mais significativos do concelho: a *villa* romana de Freiria, o povoado dos Casais Velhos, a *villa* romana do Alto do Cidreira e as grutas de Alapraia, este em colaboração com o Clube Desportivo da Costa do Estoril, enquanto os outros foram patrocinados pelas respectivas juntas de freguesia.

As três campanhas de sondagens arqueológicas levadas a efeito, durante uma quinzena em cada ano, de 1980 a 1982, na *villa* romana do Alto do Cidreira (Carrascal de Alvide) foram realizadas sob orientação de Guilherme Cardoso, a que eu próprio dei depois colaboração. Não fora ainda criada oficialmente a Associação Cultural de Cascais; contudo, a supervisão do sítio continuou posteriormente; houve uma acção de limpeza e conservação em 1985 e outras sondagens, no termo da *villa*, em Outubro de 1998. Promoveu-se, por conseguinte, o estudo e publicação dos materiais, tendo a Dra. Jeannette Nolen, nossa associada, chamado a si parte dessa tarefa, uma investigação cujos resultados foram publicados na revista *Conimbriga* (XXVII, 1988, p. 61-140), artigo de que a Associação Cultural de Cascais promoveu a edição autónoma de uma separata: *A Villa Romana do Alto do Cidreira (Cascais) – Os Materiais*.

Quatro publicações importa referir, a terminar:

- Os dois álbuns de fotografias antigas, com introdução histórica, em versão bilingue (português e inglês, com tradução de Jeannette Nolen), que ficámos a dever a Guilherme Cardoso: *Cascais Passado a Preto e Branco* e *Estoril Passado a Preto e Branco*, ambos de 1996; apoiado, este último, pela Junta de Turismo da Costa do Estoril, foi apresentado a 17-12-1996.
- O livro, de Lisa Flores, *Eu Gosto do Mar Cantado* (apresentado a 30-5-1995), de poemas e com reproduções de quadros da autora, a cores.
- *Cascais, Paisagem com Pessoas dentro* (2011), o quarto da série que eu preparara a partir dos textos sobre património histórico-cultural publicados no semanário *Jornal da Região*.

A mais recente edição da Associação Cultural de Cascais tem o ISBN 978-972-9406-50-8. Isso significa que atingimos a meia centena de títulos oficialmente inscritos na Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Não podemos, por isso, deixar de vivamente nos congratularmos. E se pensarmos que desta forma divulgámos junto do Povo o património cultural cascalense, nas suas mais diversas vertentes, cumprindo, assim, a missão para que a Associação Cultural de Cascais foi criada, como Associação de

Defesa do Património, o balanço feito consola-nos, por um lado, e anima-nos, por outro, a prosseguir na senda em boa hora traçada.

